O ROCK E A CULTURA EVANGÉLICA JUVENIL: música & identidades[1]

Laís Cândida Ferreira
Graduada em História – UFPR

RESUMO: O presente artigo analisa as formas de inserção do rock no cenário protestante brasileiro, bem como sua influência para a formação de identidades juvenis. Para tal propósito foram tomadas como fontes de estudo as canções de duas bandas: Oficina G3, atuante no mercado nacional evangélico desde 1990, e Desertor, representante do cenário *underground* evangélico desde 1995. A análise das canções em seu conjunto, compreendendo questões estruturais e contextuais, mostrou que essas bandas estão dialogando de forma intensa com o mercado secular, tanto em questões estéticas ligadas à sua performance quanto técnicas, referentes à sua musicalidade. Por outro lado, as ideias que procuram ser transmitidas permanecem ligadas à tradição pietista, mesmo no caso da Desertor que tem letras ligadas à temática *punk*. Observa-se que o campo protestante tem reorganizado seu diálogo com o cenário secular na tentativa de que seus adeptos, particularmente os jovens que estão mais propensos às mudanças, encontrem um campo fértil para a afirmação de uma identidade que respeite suas questões culturais, o que acaba contribuindo para a continuidade das ideias centrais do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; cultura evangélica; identidades juvenis.

ABSTRACT: This article intend to analyse the inserting the rock in the Brazilian Protestant scenery as well as its influence in the formation of youthful identities. For this purpose were taken as sources of study two bands songs: Oficina G3, acting in evangelical domestic market since 1990, and Desertor , representative of evangelical underground scene since 1995 . The analysis of the songs as a whole, comprising structural and contextual issues, showed that these bands are so intense dialogue with the secular market, both in aesthetic issues associated with its technical performance as pertaining to his musicianship. Moreover, the ideas that seek to be transmitted remain bound to the pietistic tradition, even if it has the Desertor letters related to a punk theme. It is observed that the Protestant camp has reorganized its dialogue with the secular scene in attempt its adherents, particularly young people who are most likely to change, finding a fertile ground for the assertion of an identity that respects their cultural needs, which therefore contributes to the continuity of the central ideas of the speech.

KEYWORDS: Rock; evangelical culture; youthful identities.

[1] Esse artigo foi fruto da pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida sob a orientação da Profª. Drª. Karina Kosicki Bellotti na Universidade Federal do Paraná (2011/2012).

Introdução

O campo religioso brasileiro tem demonstrado que, ao contrário dos estudos que apontavam para sua retração em virtude da ascensão da pós-modernidade, adquiriu uma capacidade de se readequar às novas realidades sociais e culturais. As distinções entre sagrado e profano têm se tornado cada vez mais tênues e um exemplo disso é a inserção do rock, gênero musical comumente associado a uma cultura rebelde que, a partir da década de 1970, conquista espaço paulatinamente no meio evangélico, paralelamente a uma destradicionalização das igrejas evangélicas e do fortalecimento de uma representação juvenil mais ativa e interventora. A inserção de novos elementos no cenário evangélico enfrentou resistência por parte de grupos mais tradicionais, contudo, conquistou parcelas massivas de jovens que estavam em busca de novas formas de expressão de suas crenças.

De acordo com os dados divulgados em junho de 2011 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) relativos ao último censo, o percentual de evangélicos no Brasil pulou de 15,4% em 2000, para 22,2% em 2010, um crescimento de 6,8%. Outro fator que chamou a atenção foi a constatação de que entre os pentecostais a idade média é de 27 anos, e entre os evangélicos de missão 29 anos, enquanto no catolicismo a média é de 40 anos.

Com relação a esses dados, é interessante levantar a hipótese de que tal crescimento deve-se, em grande medida, às diversificações ocorridas no cenário evangélico que acabaram atraindo um público diferenciado que estava em busca de novas roupagens para professar sua fé. Dentre essas transformações, destaca-se a liberalização de usos e costumes que proporcionou o surgimento de igrejas que tratavam de forma diferente posições já consolidadas no protestantismo como a sexualidade e o lazer (MARIANO, 1997: 187-224).

Pode-se compreender ainda que, ao contrário das teorias que apontavam para uma retração da religião em virtude da secularização, a religiosidade tem se fortalecido e muito, porém, não da forma como sempre foi conhecida, sob a tutela das instituições tradicionais, mas sim de acordo com as necessidades de cada indivíduo.

Nesse contexto, a participação da juventude merece destaque. Acompanhando os movimentos juvenis de engajamento social que ocorriam em todo o mundo nas décadas de 1960/70, o segmento jovem de dentro das igrejas evangélicas também começa a participar de forma ativa nas transformações do pensamento evangélico, o que pode ser demonstrado pelo surgimento de bandas representando diferentes estilos como, por exemplo, o rock.

Algo interessante a ser colocado é que se nos Estados Unidos o rock tem suas origens entre o gospel, a partir das influências do blues, e só depois sua produção é ampliada. No Brasil ocorre o inverso: ele chega entre o mercado secular e encontra dificuldade para passar para o gospel.

Durante as pesquisas para este artigo, observou-se que o rock, mais do que um gênero musical, é também um sistema de signos verbais, musicais e imagéticos que propicia um estilo de vida e gera espaços de convivência no qual os indivíduos buscam se relacionar. Diferentemente das músicas eruditas, que exigem um comportamento contemplativo da plateia, o rock procura estimular a interação entre artista e público, uma característica que o torna bastante atrativo para uma camada jovem.

Deste modo, analiso em que medida o ambiente criado pelos símbolos do rock evangélico pode ser influente para a formação de identidades juvenis, a partir de duas bandas: Oficina G3 e Desertor. As letras das canções (anexas) são importantes, pois procuram retratar uma vida devota a Deus ou mesmo posicionamentos políticos diante de questões polêmicas como racismo e aborto, mas o ritmo é verdadeiramente um eixo importante sobre o qual se constroem identidades.

Protestantismo & Música: algumas publicações

Até a primeira publicação de Antonio Gouvêa Mendonça, *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, em 1985, havia poucos trabalhos acadêmicos voltados para a compreensão deste grupo religioso[2]. Segundo o autor, a inserção protestante no Brasil se dá de forma bastante lenta no início. As primeiras igrejas protestantes se estabeleceram no Brasil de forma definitiva na segunda metade do século XIX, principalmente através de missões norte-americanas. De acordo com Ronaldo Cavalcante (2009: p. 49), quando chega ao Brasil, o protestantismo já está maduro, vindo de uma longa caminhada na Europa e nos Estados Unidos.

Para compreender o protestantismo desse período, Mendonça faz uma análise da mensagem religiosa através dos hinários, segundo ele "o melhor material para um levantamento da teologia dos missionários" (MENDONÇA, 1995: 176). As mensagens transmitidas pelas canções enfatizavam a expectativa de vida eterna no céu através de uma

[2] Dois trabalhos importantes sempre referenciados são o de Émile G. Leonard, *O protestantismo brasileiro, estudo de eclesiologia e história social*, publicado inicialmente em capítulos da revista de história da Universidade de São Paulo (1951-1952) e em forma de livro em 1961, e o trabalho de David Gueiros Vieira, *O protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*, publicado em 1980.

postura de vida que negasse uma ética mundana, demonstrando traços pietistas e fortemente emocionalistas.

Com a chegada dos primeiros pentecostais, por volta de 1910, o caráter do campo protestante se torna ainda mais diverso e seu crescimento é acentuado. Desse momento em diante, o protestantismo foi crescendo cada vez mais a ponto de seu crescimento ser maior que o de católicos no Brasil. Segundo Leonildo Campos (2008), principalmente a partir da segunda metade do século XX, os meios de comunicação em massa possibilitaram às pessoas novas formas de rearticulação do tradicional com o moderno, o que, por sua vez, trouxe novas mudanças ao campo religioso protestante.

Diante desta pluralidade, o campo acadêmico encontra dificuldades em estabelecer classificações, tendo em vista que o fenômeno religioso nunca é algo acabado, mas está em constante transformação. Ainda assim, observa-se que os principais grupos são os protestantes históricos e os pentecostais[3] que se diferem basicamente pela ênfase dada ao carisma e à busca de uma experiência pessoal e direta com Deus pelos pentecostais. Para os adeptos deste movimento, a história bíblica narrada no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 2, sobre a "descida do Espírito Santo" deve se repetir em cada reunião feita. Outro grupo de extrema relevância ainda são os neopentecostais, que surgem a partir da década de 1970 e seguem com a questão da ênfase no carisma de forma ainda mais acentuada e, segundo sociólogo Ricardo Mariano, se diferenciam pela guerra contra o diabo, a teologia da libertação e a liberalização dos usos e costumes (MARIANO, 1997).

Desse momento em diante, é possível observar que o campo religioso protestante cada vez mais expande suas práticas proselitistas, principalmente com o uso da mídia. Ricardo Mariano (1997) explora em seu trabalho as questões relativas às igrejas que se convencionaram chamar de neopentecostais argumentando que nesse momento há uma ruptura no campo religioso pentecostal. A ruptura com o ascetismo puritano e o sectarismo foram as grandes mudanças que possibilitaram outros tipos de relação igreja-sociedade. Se nas primeiras igrejas a preocupação está no juízo final, na salvação e na negação do mundo, nas neopentecostais ocorre o contrário: passam a se atentar para questões do aqui e agora, afirmando o mundo e a necessidade de viver da melhor forma possível (MARIANO, 1997: 44). Essa postura influencia o movimento pentecostal como um todo, de modo que

[3] É interessante ressaltar que chamar os protestantes não-pentecostais de históricos não quer dizer que os pentecostais não tenham história, mas o termo é uma nomenclatura corrente. São representantes dos protestantes históricos os luteranos, metodistas, presbiterianos, episcopais e batistas, e dentre os pentecostais destacam-se igrejas como a Assembléia de Deus, Congregação Cristã, Igreja do Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo, além de várias outras.

igrejas como a Assembleia de Deus e até mesmo a Congregação Cristã estão flexibilizando práticas como a vestimenta e o corte de cabelo.

Em suma, o abandono dos tradicionais usos e costumes foi uma porta para mudanças maiores dentro do campo religioso. Pouco tratado por Mariano, o movimento gospel surgido na década de 1990, foi crescendo e ganhando espaço até mesmo entre as igrejas históricas. Inicialmente de cunho musical, incorporando ritmos condenados pelas outras igrejas protestantes como o rock, a lambada, o rap, entre outros, o gospel expandiu fronteiras e se tornou uma *cultura gospel*.

Em seu trabalho Magali do Nascimento Cunha (2004) analisa especificamente o movimento *gospel*, para ela configurado a partir da tríade música-consumo-entretenimento dedicando um capítulo exclusivo sobre "o poder sagrado da música na cultura gospel" (2004: 10). A partir da década de 1990, enquanto as grandes igrejas neopentecostais já mencionadas estão crescendo, paralelamente surgem diversas pequenas igrejas e comunidades, com caráter cada vez mais voltado para o indivíduo, além da preocupação com a juventude que passar a ser priorizada. Esta fase da expansão pentecostal, berço da cultura gospel, tem se mostrado mais diversificada e complexa, pois é marcada pelo encontro cultural tenso do tradicional com o moderno, considerado pela autora como um híbrido. Para ela, essa é uma geração com práticas de manutenção da cultura, e não de ruptura, visto que as mudanças são apenas superficiais e não nucleares (2004: 171).

A grande marca do movimento gospel é sem dúvida a música, que, além de incorporar novos ritmos, também acaba influenciando na dinâmica do campo protestante, com o surgimento de artistas gospel, shows, "louvorzões" e ministérios de louvor. Dentro desse cenário maior, observa-se a preocupação das igrejas, que voltam suas ações para influenciar numa construção de *identidade jovem evangélica*, que não seja ativa fora, mas dentro das igrejas.

Segundo o sociólogo Luís Antonio Groppo (2000) juventude é uma categoria social, ou seja, uma representação ou criação simbólica fabricada pelos próprios grupos sociais para traduzir uma série de comportamentos e que, a partir do século XX, afirma sua autonomia e ganha proeminência. Esse conceito traz em si a ideia de que a juventude não está rigidamente ligada à faixa etária, mas a outros aspectos comportamentais que a distinguem, embora o critério etário se apresente como prévia à definição de juventude.

Tratando assim a juventude enquanto uma categoria social, deve-se considerar também que seu conceito abarca uma pluralidade de experiências ligadas a aspectos culturais, étnicos, e de gênero, por exemplo. Contemporaneamente, diante de tais diversidades, cada grupo juvenil pode criar sua identidade baseada justamente no

reconhecimento dos aspectos que o distinguem dos demais. De acordo com Groppo, *parece ser um traço marcante das vivências juvenis a formação de grupos concretos que constroem identidades juvenis diferenciadas de acordo com os símbolos e estilos adotados em cada grupo em particular (...)* (2000: 17).

Para manter principalmente os jovens nas igrejas e conquistar mais adeptos, o gospel entra na lógica da indústria cultural. Os artistas cristãos estão constantemente atentos aos gostos do público, produzindo materiais que vão desde os CDs até camisetas. O rock gospel é somente um gênero dentro de uma variedade imensa de outros estilos musicais, que ficam imersos em uma rede composta por sites, rede sociais, lojas, gravadoras, eventos, pregações que interagem entre si formando um universo único que está em constante transformação.

A partir destas considerações, observa-se o destaque que a mídia vem assumindo na vida dos protestantes. Uma análise sobre esta questão foi feita pela historiadora Karina Kosicki Bellotti, sendo inclusive um dos poucos na área da história. Em sua tese (2007) ela observa, a partir das produções voltadas ao público infantil, que a mídia tem assumido um lugar central para a construção da cultura evangélica, caracterizando-a como transdenominacional devido à circulação de referências evangélicas de diferentes origens, algo que também marca as produções fonográficas[4].

Além destes trabalhos comentados, fundamentais para a compreensão do campo religioso protestante brasileiro, destaco o trabalho de Joêzer de Souza Mendonça (2009), no qual o autor verifica em que medida a cosmovisão religiosa neopentecostal e a cultura pós-moderna determinam a produção de música e letra das produções gospel, além de estudar a apropriação de estilos musicais e performáticos pelos artistas gospel. O autor, pela sua formação na área da música, se propõe a fazer uma análise conjugada de letras e estilos das canções e suas aproximações com o mercado secular.

Jaqueline Dolghie (2007) faz uma análise da influência do gospel no culto presbiteriano brasileiro. Segundo ela, o fortalecimento do mercado da música gospel e a forte atração que o mesmo exerce sobre a juventude pelo seu aspecto emocional e performático, propiciou uma ruptura na produção musical dos cultos presbiterianos, que já estava se enfraquecendo. Em trabalho mais recente Sueli da Silva Machado (2012) procurou verificar a contribuição e influência da música para a construção de uma identidade jovem na Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo. Ao trabalhar também com o conceito de pós-modernidade, a autora entende que atualmente a cultura a partir da qual as pessoas

[4] A tese deu origem ao livro Delas é o reino dos céus – mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950-2000). São Paulo: Annablume, 2010.

constroem suas identidades passa por transformações o tempo todo. *Nesse sentido tanto os jovens como a instituição religiosa da qual eles fazem parte foram alcançados por tais mudanças (...). Estes jovens para manterem-se nas igrejas locais lançaram mão de novos recursos simbólicos impostos por uma nova cultura globalizada* (2012: 12).

Oficina & Desertor

Para responder às questões colocadas, foram recolhidas fontes de natureza fonográfica, digitais e audiovisual relativas à produção de duas bandas atuantes no cenário gospel: Oficina G3 e Desertor. A primeira banda representa o cenário nacional, pois atua desde o final de 1980 e, ao longo de sua carreira, ganhou notoriedade a ponto de ser uma referência para outras bandas. A segunda banda é representativa de um cenário *underground* cristão, acrescido ainda do fato de que a Comunidade Gólgota, instituição à qual os integrantes pertencem, teologicamente se aproxima das chamadas igrejas protestantes de missão, enquanto que suas estratégias proselitistas focam na questão musical, à semelhança de igrejas neopentecostais.

Oficina G3

A banda Oficina G3 começou a se inserir no cenário da música gospel no final da década de 1980. Com dez álbuns e três DVDs gravados, o Oficina G3 é uma referência nacional para outras bandas. Seu estilo variou bastante ao longo da carreira, passando pelo hard rock, pop rock, new metal e pelo rock progressivo.

Para este trabalho foram selecionadas seis canções, tendo em vista a trajetória da banda e os diferentes estilos adotados durante a carreira:

* “Naves Imperiais”, gravada no primeiro trabalho da banda, “Oficina G3 Ao Vivo”, de 1990. A produção audiovisual desta canção foi gravada durante uma apresentação em 1992 no SOS Vida, um evento organizado pela Renascer em Cristo que reúne artistas consagrados em espaços abertos. A escolha desta canção deu-se pela temática trabalhada na sua letra.

* ”Indiferença”, gravada no terceiro trabalho da banda, “Indiferença”, de 1996. Para esta canção a banda produziu um clipe. A sua escolha se deu pelo fato de ser uma música de trabalho e de ter sido produzido um clipe para ela.

* “Quem”, gravada no trabalho acústico da banda, de 1998. O audiovisual faz parte do show que se transformou em um DVD Acústico, o primeiro da banda. Como o acústico é o conjunto de regravações, esta canção foi escolhida por ser inédita.

* “O tempo”, gravada no trabalho “O tempo”, de 2000. Para esta canção a banda também produziu um clipe. A escolha desta canção se deve principalmente pelo seu estilo mais voltado ao pop e pelo fato de sua letra ser ambígua.

* “Além do que os olhos podem ver”, gravada no trabalho “Além do que os olhos podem ver”, de 2005. O vídeo desta canção foi gravado durante um show da banda em 2008 durante um louvorzão organizado pela rádio 93 FM. Sua escolha levou em conta a temática do porvir trabalhada na letra.

* “Meus próprios meios”, gravada no trabalho “Depois da Guerra”, de 2008. O vídeo está no DVD DDG Experience, de 2010. Esta canção foi escolhida por ser uma música de divulgação do CD e DVD da banda, além de apresentar vocais que se diferenciam de composições de outros trabalhos da banda.

Foram usados também alguns comentários feitos por fãs da banda postados no Youtube, como forma de complementar a análise contextual das canções.

Desertor

Segundo informações recolhidas num blog mantido pelos integrantes da banda Desertor[5], eles iniciaram os trabalhos em 1995, na cidade de Foz do Iguaçu. A banda possui dois álbuns, sendo o primeiro de 2002, “Aborto não”, e o último de 2006, intitulado “Cadeira de rodas”. Atentando-se para o fato de que a banda variou pouco seu estilo musical e performático, foram escolhidas quatro músicas que representam os dois álbuns:

* “Aborto”, gravada no álbum Aborto não. O vídeo desta canção foi gravado durante uma apresentação da primeira formação da Desertor, em Foz do Iguaçu. Esta canção foi escolhida pela temática trabalhada na letra, a fim de verificar as aproximações da banda com o movimento punk.

* “Isaías 53”, gravada no álbum Aborto não. O vídeo desta canção também foi gravado com a primeira formação da banda, em Foz do Iguaçu. Esta canção foi escolhida pela sua referência ao texto bíblico.

* “Underground”, gravada no álbum Cadeira de Rodas. A apresentação da banda nesta canção foi gravada durante as comemorações do décimo aniversário da Comunidade

[5] Disponível em http://desertorhc.wordpress.com/desertor/ (Acesso em 27 de julho de 2012).

Gólgota. Esta canção foi selecionada pela temática abordada, para observar como a banda trata de questões ligadas à sua estética.

* "Racismo", gravada no álbum Cadeira de Rodas. O vídeo desta canção é uma apresentação da banda em 2008 em Foz do Iguaçu. Assim como a primeira, esta canção foi escolhida pela sua temática, a fim de verificar as aproximações da banda com o movimento punk.

Além das canções, também foi usada uma entrevista realizada por mim com Volmir Bastos, o Pipe, pastor da Comunidade Gólgota e guitarrista fundador da banda Desertor, material de extrema importância para compreensão do contexto da banda, já que o material disponível sobre eles é escasso.

Para analisar as fontes selecionadas uma grande preocupação foi levar em conta a obra como um todo, explorando a estrutura poética, a sonoridade dos gêneros musicais, a performance e o mercado que cerca a mesma. Adotou-se no trabalho a ideia de que a canção é uma expressão cultural, inserida então no conceito de "indústria cultural" proposto por Adorno e Horkheimer por volta da década de 1940. A cultura é vista como uma mercadoria, pensada para cada nicho social, e não como resultado de uma inspiração aurática. Para os autores Armand e Michèle Mattelart, a marca dessa indústria cultural seria a "serialização, padronização, e divisão de trabalho" (1999: 73). A canção se insere justamente nesses últimos pontos colocados, pois sua existência não é resultado de apenas uma ideia e uma forma de trabalho, mas sim de um conjunto complexo de questões.

Atenta a essas considerações, a análise articula as questões *poéticas*, *musicais*, de *performance* e *contextuais* dos produtos musicais. A sistematização colocada a seguir baseou-se nos procedimentos sugeridos por Napolitano (2002: 77-107).

Com relação às questões poéticas serão trabalhadas a identificação do "eu poético" e seu possível interlocutor, a observação de como "Deus" e uma imagem de juventude são transmitidas, e a ocorrência da citação de outros textos literários, como a Bíblia. O trabalho com a questão musical das canções se deu a partir da identificação da melodia, observando pontos de tensão ou repouso, do gênero musical, atentando-se para as possíveis influências trazidas para o conjunto e, por fim, da vocalização, observando os efeitos de interpretação e intensidade utilizados pelo intérprete. Nesse momento, foi importante a inserção das fontes audiovisuais, constituídas de clipes e gravações de shows das bandas selecionadas. O conceito mais importante aqui é o da *performance*. Por meio das apresentações e gravações de clipes, foi possível perceber a forma como as bandas querem ser vistas e, em que medida, suas posturas estão de acordo com a atmosfera criada pela forma estrutural (letra/melodia) da canção.

Por fim, consideram-se as instâncias contextuais da canção, pois toda obra se realiza enquanto objeto cultural de acordo com o espaço e formas pelas quais se insere em determinadas realidades. Dialogando com as outras instâncias de análise, esse ponto leva em consideração as questões de criação da obra, situando-a no espaço e no tempo; de produção, atentando-se para a questão comercial e, no caso da canção, da influência da indústria fonográfica nesse processo; de circulação, pontuando os meios pelos quais a obra se dissemina entre o público específico ou não; e de recepção, procurando perceber se a ideia inicial do grupo é apropriada e ressignificada.

Em suma, trabalha-se a questão da canção como um conjunto de fatores que contribuem para a sua disseminação. A partir da natureza estrutural (harmonia e letra) a canção assenta sua base estética, a *performance* materializa uma experiência da obra musical e a rede sócio cultural, que compreende o mercado fonográfico, o marketing, a iconografia e a tecnologia, por exemplo, mediam a forma como a obra é apresentada, veiculada. (NAPOLITANO, 2007: 156).

A banda Oficina G3 começou a se inserir no cenário da música gospel no final da década de 1980. Seus integrantes eram frequentadores da Igreja Cristo Salva fundada em 1975 em São Paulo pelo ex-empresário Cássio Colombo. Pela importância dada à questão da música, no meio da Igreja Cristo Salva formaram-se vários grupos com influências de ritmos diferentes, dentre eles o rock, que começaram a ser convidados para tocar também em outras igrejas. Para os trabalhos internos havia três grupos. Os componentes do terceiro grupo, chamado de G3 como uma abreviação de grupo 3, formariam mais tarde a banda Oficina G3.

Em 1990 eles gravaram o primeiro LP ao vivo numa casa de shows, ocasião em que acrescentaram “Oficina” ao nome da banda, que até então era apenas “G3”. “Oficina” veio da ideia de um lugar de conserto, em referência à necessidade do homem se consertar com Deus. Em entrevista ao programa Conexão Gospel[6] Juninho Afram esclarece que uma das preocupações era que o nome da banda não lembrasse nada cristão, pois eles queriam atingir um público que estava fora das igrejas também.

Um ponto interessante a ser ressaltado na trajetória do Oficina G3 é o fato de que eles conseguiram uma projeção nacional tanto no meio gospel como no meio não gospel, destacando-se neste pela técnica musical elaborada. O guitarrista Juninho Afram é

[6] Esta entrevista consta nos extras do DVD “O tempo”, gravado em 2000.

endorsement[7] de uma linha de guitarras da Tagima e aparece entre os melhores guitarristas do Brasil.

Com dez álbuns e três DVDs gravados, o Oficina G3 é uma referência nacional para outras bandas. Seu estilo variou bastante ao longo da carreira, passando pelo *hard rock, pop rock, new metal* e pelo *rock* progressivo.

A canção "Naves Imperiais" foi gravada no primeiro álbum da banda, "Oficina G3 Ao Vivo", em 1990. Sua letra curta e simples colabora para que ela seja decorada em pouco tempo, algo importante para a banda visto que eles queriam tocar em lugares abertos para um público variado e não evangélico. Refletindo também as discussões do momento sobre a desmistificação de que ser crente era ser antiquado, a letra procura transmitir uma ideia de agencilidade da juventude, algo importante para uma construção identitária desse grupo. A melodia da canção apresenta-se como maior diferencial no contexto do início da década de 1990, quando o uso das guitarras elétricas era visto com muita rejeição. A introdução abre com um ritmo lento, enfatizando a técnica principalmente da guitarra e do baixo, mudando em seguida para um uso da guitarra com distorção e um solo no meio, sugerindo movimento e dinamismo.

A *performance* da banda nesta canção também confirma a mensagem que a letra e a melodia trazem. Os artistas se movimentam no palco todo o tempo, interpretando a letra com gestos, balançando a cabeça e interagindo com o público. Um grande diferencial é a apresentação em palcos abertos, à semelhança dos shows de rock seculares da década de 1980, e a *performance* também dialoga com este mercado.

A canção "Indiferença" foi gravada do terceiro álbum da banda sob o mesmo título, em 1996. A letra aborda problemas sociais e o posicionamento das pessoas em relação a eles, entretanto não faz menção ao nome de Deus. Socialmente, é importante lembrar que 1996 é o ano da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96), um importante indicativo da preocupação com os direitos da criança e do adolescente, mesma temática que aparece como eixo central da música. O último trecho da letra incita o ouvinte a agir em razão do amor – "abra o vidro do seu coração / amor gera atitude" -, referenciando novamente a questão do incentivo a um engajamento do jovem na sociedade, neste caso, de forma mais explícita. Já no início da canção o ritmo é forte e pesado e permanece até o fim. O uso da distorção do começo ao fim da música sugere certa intimidação ao ouvinte, alinhando-se então com a letra que de certa forma cobra um posicionamento diante dos problemas apresentados.

[7] Prática de mercado que significa literalmente "endosso", ligada ao patrocínio de marcas a determinados músicos que, em troca, fazem propaganda do produto.

Assim como letra e música, o clipe produzido também reforça o discurso social. A primeira cena apresenta um grupo de jovens e crianças que provavelmente moram na rua. A banda aparece tocando em uma paisagem natural, com uma *performance* semelhante à apresentação em palco. Com relação à produção do clipe, é interessante observar os movimentos de câmera, que em alguns momentos acompanham os movimentos dos músicos, explorando bastante os closes rápidos e planos fechados e médios, colaborando para conferir ao clipe um maior dinamismo.

"Quem" é a única canção inédita do álbum acústico da banda, gravado em 1998. A banda gravou este trabalho na casa de shows Olympia em São Paulo e o trabalho resultou também em um DVD. Novamente o autor não cita o nome de Deus na letra. O uso da primeira pessoa incita o interlocutor a se colocar no universo proposto pela letra, o que enfatiza a questão do relacionamento pessoal com Deus bastante apregoado nas igrejas. Outro fator colocado é a questão do intenso fluxo de obrigações que as pessoas têm, o sofrimento e a angústia que isso causa e, por fim, a busca por uma resposta como alívio. Implicitamente aparece a ideia de que Deus é essa resposta. Quanto à melodia, o som acústico abre mão das guitarras para dar lugar aos solos de violão e violino, o que confere certa melancolia. Essa atmosfera produzida, principalmente pelos violinos, reforça a ideia de angústia transmitida pela letra.

A disposição dos músicos pelo palco segue uma linha bem semelhante aos estilos acústicos gravados pela MTV por bandas como Capital Inicial, Kid Abelha, Paralamas do Sucesso por exemplo. Principalmente a *performance* do vocalista PG (abreviação de Pedro Geraldo) parece ser bem aproximada ao estilo adotado por essas bandas seculares em seus acústicos.

"O tempo" é uma canção paradigmática na carreira da banda. No álbum que leva o mesmo titulo da canção o estilo da banda muda bastante. Eles passam a apresentar uma tendência ao *pop rock*, estilo que conquistou novos fãs, mas também desagradou muitos dos antigos. Este trabalho também marca a entrada do Oficina G3 na gravadora MK[8]. Um ponto forte da questão poética desta canção é o fato de sua letra não citar o nome de Deus, entretanto, diferentemente das canções analisadas anteriormente, sua letra pode levar o ouvinte a uma interpretação romântica. Em linhas gerais, a letra aborda questões subjetivas de sentimentos que podem ser entendidos tanto como uma relação do homem com Deus quanto uma relação entre homem e mulher. Com relação à questão musical, percebe-se que o arranjo se mostra mais suave que nas canções principais de trabalhos anteriores,

[8] A gravadora MK Music faz parte do Grupo MK de Comunicação, que além da área fonográfica atua também nas áreas radiofônica, digital, impressa e televisiva. <http://www.mkmusic.com.br/ConsultaQuemSomos>.

característica que pode ser atribuída ao uso do violão, com um solo acompanhado do teclado, reforçando a suavidade da harmonia musical.

O clipe produzido apresenta os integrantes da banda em um carro numa estrada. Suas *performances* também não sugerem ao espectador alguma ligação com Deus. Justamente por esse caráter ambíguo, trazido pela letra e reforçado tanto pela harmonia quanto pelo clipe, a canção circulou em rádios seculares e em 2003 o clipe produzido também foi exibido na MTV, destaque alcançado pela primeira vez por uma banda gospel, tendo em vista que a banda Catedral também circulava com o clipe da canção "Quem disse que o amor pode acabar", mas estava em uma fase não-gospel. Entre os comentários de fãs da banda no vídeo do YouTube[9], alguns comentam que a banda melhorou ao sair da sua fase pop rock, enquanto outros acham que ela deveria manter o estilo.

No álbum "Além do que os olhos podem ver", lançado em 2005, a banda assume uma tendência ao *rock progressivo*, com arranjos bem mais pesados que nos últimos álbuns. Outra questão importante é a saída do vocalista Pedro Geraldo da banda, substituído então pelo guitarrista Juninho Afram. Na letra da canção "Além do que os olhos podem ver" observa-se um retorno ao tema do "porvir", pois o autor se refere a uma vida com alguém que se subentende ser Deus, ainda que a referência direta ao nome de Deus não apareça. A utilização de "Você" para se referir a Deus também pode ser vista como uma tentativa de aproximar o interlocutor da ideia que a canção transmite. O arranjo musical escolhido para as músicas deste álbum são bem diferentes. Há uma combinação de guitarras distorcidas durante toda a música. É interessante que antes do solo da guitarra, a música sofre uma tensão provocada pela quebra dessa sequência de distorções com a utilização apenas do teclado.

No show a banda opta por uma versão mais tranquila da canção, possivelmente devido ao fato de que nesse período Juninho Afram, guitarrista da banda, estava também nos vocais, e a música gravada no álbum demandar uma energia para a apresentação. Durante a execução da mesma, todos os músicos interagem constantemente com o público, pedindo a sua participação. A última canção selecionada, "Meus próprios meios" compõe o último trabalho da banda, "Depois da Guerra", lançado em 2008. Com este álbum a banda conquistou o Grammy Latino de 2009 na categoria de melhor álbum cristão em língua portuguesa. Na letra observa-se a referência explícita ao nome de Deus, algo diferente das músicas já expostas anteriormente. A ideia transmitida é a de um relacionamento dependente da figura de Deus, discurso comum também entre as pregações nas igrejas

[9] Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qjmTav1HkNo>. Acesso em 22 de julho de 2012.

protestantes. Além disso, o uso da primeira pessoa também reforça essa proximidade do ouvinte com o contexto proposto. Com relação à questão musical, esta canção marca outra fase da banda, já apontada no álbum "Além do que os olhos podem ver". Os vocais guturais[10] e os arranjos com guitarras distorcidas sugerem certa apelação tensa.

Diferentemente da última canção, a apresentação desta é bastante movimentada e pesada, estilo possibilitado após a entrada do vocalista Mauro Henrique. Cada integrante, livre para executar somente seu instrumento, confere à apresentação maior dinamismo e uma técnica mais elaborada, com arranjos iguais aos executados nas gravações em estúdio.

A banda Desertor iniciou os trabalhos em 1995, na cidade de Foz do Iguaçu, com Volmir Bastos (o Pipe) na guitarra, Leandro no vocal, Giordane na bateria e "Moita" no baixo. Com uma influência do *hardcore trash*, as letras já tratavam da questão do posicionamento cristão em relação a diversos problemas sociais como racismo e aborto, por exemplo.

Quando o guitarrista Volmir Bastos veio para Curitiba essa formação da banda se dissipou. Em 2001 ele fundou a Comunidade Gólgota, igreja voltada para o público roqueiro e que tem uma importância fundamental para compreender o caráter assumido pela Desertor.

Em entrevista concedida a mim no dia onze de maio de 2011, Pipe esclarece que a questão da música foi um fator determinante para a formação da Comunidade. Nascido em uma família de tradição presbiteriana, durante a adolescência ele rompeu com a igreja e passou a assumir uma postura cultural *punk*[11], entretanto sempre distinguindo a sua fé em Jesus e a religião dogmática, vendo-se até como um "anarquista cristão". Ao ser questionado sobre como tratou do aparente paradoxo entre a cultura punk e a cultura colocada pela igreja ele afirmou o seguinte:

> Quando eu comecei a ler a Bíblia, vi que muitas coisas no movimento punk tinham a ver com ela, como as questões de liberdade, respeito, por exemplo. [...] Eu tenho uma banda de hard core punk, e a gente fala das mesmas questões que os punks falavam, só que agora numa perspectiva bíblica, do ponto de vista de Deus. Então a gente fala sobre aborto, sobre racismo, sobre drogas, sobre violência,

[10] De acordo com o dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, Gutural é o que sai ou procede da garganta. O vocal gutural é uma técnica que produz um som rouco, grave, devido à técnica de fazer o ar vir direto do estomago.

[11] Os autores colocam a segunda metade dos anos 1970 como a origem do punk nos Estados Unidos e na Inglaterra, em meio às crescentes críticas ao sistema capitalista justamente entre a juventude. As músicas curtas e com letras abordando problemas sociais apresentaram-se como uma das facetas do rock e muitas gravadoras tentaram, sem êxito, contratar as bandas que se recusavam e continuavam a ter uma ligação mais próxima com o público e tocando em pubs. Obras: BIVAR, Antonio. *O que é punk?* São Paulo: Brasiliense, 1982; CHACON, Paulo. *O que é rock?* São Paulo: Brasiliense, 1982; GALLO, Ivone. *Por uma historiografia do punk.* Projeto História n° 41, 2010.

> sobre corrupção. Então as mesmas denúncias que eu fazia quando estava no movimento punk [...] eu faço hoje também, só que agora é diferente! Agora tá inserido Deus na questão. Então o que diferenciou o cristianismo do anarquismo na minha vida? O cristianismo me propôs uma solução, e a solução começa em mim, na minha vida [...].

Nessa época, em que veio para Curitiba, Pipe se uniu com Ângelo e Wellington Torquetto. Em 2002 eles lançaram o primeiro trabalho dessa formação da banda Desertor, o álbum "Aborto não" que contém 13 faixas. O segundo trabalho, "Cadeira de rodas", foi lançado em 2006. Para o presente trabalho foram selecionadas 4 canções, sendo 2 de cada álbum.

A canção "Aborto" foi gravada no primeiro trabalho da Desertor. A partir da letra da canção fica clara a postura que a banda assume contra o aborto, citando inclusive dados em relação ao número de abortos no Brasil a fim de legitimar o discurso. A citação do bezerro de ouro que aparece, refere-se a uma passagem bíblica do livro do Êxodo, quando o povo de Israel fica impaciente com a demora de Moisés em voltar do Monte Sinai e decide dançar em volta de um bezerro de ouro como forma de adoração[12]. Atualmente a expressão está ligada à adoração de falso ídolo. Na canção a intenção é dizer que os valores atuais não estão de acordo com os preceitos cristãos. A melodia da canção traz uma ideia de tensão, explorando bastante a velocidade da guitarra e da bateria, característicos do hardcore. Essa linguagem musical propicia ao ouvinte uma movimentação e, no caso dos frequentadores dos shows da banda, estimula as rodas de "bate-cabeça".[13]

O vídeo referente a esta música traz a primeira formação da Desertor[14] em uma apresentação em 1995 em Foz do Iguaçu. Segundo informações da página, foi o sétimo show da banda. Os integrantes se apresentam com roupas pretas e tem os cabelos longos, com exceção do vocalista, que veste uma camiseta com a inscrição "Jesus, vida eterna".

A canção "Isaías 53" também foi gravada no primeiro álbum da banda. A letra traz uma paráfrase bíblica do capítulo 53[15] do livro de Isaías. Algo interessante sobre esta temática, é que bandas como Quatro por Um e Diante do Trono[16] também tem canções com o mesmo capítulo bíblico. Assim como no referido texto, o autor se coloca no contexto da canção, o que aproxima o ouvinte do discurso. O discurso de sofrimento trazido pela letra

[12] Bíblia de Estudo Genebra, 1999. Êxodo, cap. 32, vs. 1-35.
[13] Também conhecidas como "roda punk" ou *moshing*, as pessoas formam uma roda e começam a se empurrar. Aparentemente são violentas, entretanto as rodas surgem devido à empolgação gerada pelo ritmo musical.
[14] Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=_p_AfBqIWSc> (Acesso em 27 de julho de 2012).
[15] Neste trecho, Isaías, um profeta do Antigo Testamento, fala sobre o sofrimento vicário do servo do Senhor, e suas colocações são depois interpretadas como o prenúncio do Messias, sendo cumpridas neste as questões do sofrimento, da rejeição entre os homens e da expiação pelo sangue, dentre outras.
[16] Grupos de pop rock e adoração, respectivamente.

acompanha uma melodia veloz e agressiva, que explora a distorção na guitarra e um vocal gutural. Nesse quesito a canção se distancia bastante das outras canções que apresentam a mesma temática. A ideia de que o filho de Deus sofreu aparece em todas as canções, porém pela agressividade dos instrumentos e do vocal da Desertor, o sentimento de tristeza não aparece como nas outras.

Na apresentação desta canção, com a primeira formação da Desertor em 1995[17], é interessante notar que os integrantes não se portam como artistas. Eles não interagem com o público, com exceção do vocalista, que enquanto se movimenta bastante balançando a cabeça como os participantes da apresentação.

A canção "Underground" foi gravada no segundo álbum da banda, "Cadeira de rodas", de 2006. A letra dirige-se a um público bem específico que são pessoas que aderem a uma cultura diferente e se veem fora do padrão social. Para os problemas decorrentes disso como a exclusão social e familiar, Deus é apresentado como solução. O autor da canção questiona o ouvinte com a pergunta "afinal quem é você?", apresentando "underground" como uma resposta. É um discurso que reforça bastante uma questão identitária para os ouvintes, estabelecido justamente sob um discurso de contracultura cristã. A melodia se apresenta de forma mais agressiva que nas músicas do outro álbum em relação aos arranjos instrumentais e vocais. O ritmo estimula também a participação do ouvinte no contexto trazido pela letra, de questionamentos pessoais.

A *performance* da banda nesta canção é diferente das outras já expostas aqui. O vídeo é de um show em comemoração aos 10 anos da Comunidade Gólgota em 2011. Observa-se que com o som mais agressivo, esteticamente a apresentação é mais parecida com bandas seculares do mesmo gênero como Ratos de Porão e Raimundos, por exemplo. Os integrantes não se movimentam muito, com exceção do vocalista que interage bastante com os presentes. A possibilidade das pessoas subirem no palco para depois se jogarem[18] aproxima os integrantes durante a apresentação, o que se afasta bastante da ideia de uma banda de estrelas, algo característico do movimento punk.

A última canção da banda é "Racismo", também do segundo álbum da Desertor. Assim como na outra canção, a letra é construída com várias perguntas, indagando o ouvinte sobre suas posturas com relação à questão do racismo. Nas últimas frases, como palavra final o autor coloca a ideia de igualdade de todos perante Deus, valorizando a

[17] Vídeo disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=K4nnou4G_Ek> (Acesso em 27 de julho de 2012).
[18] Essa postura é comum em shows de hardcore e é também conhecido como stage diving (literalmente "mergulho do palco").

diversidade existente. Das canções expostas até aqui, esta é a mais agressiva nos arranjos vocais que exploram bastante os urros.

Novamente nesta apresentação observa-se a postura semelhante a bandas de hardcore seculares. Antes da música eles conversam com o público sobre a violência e, tão logo eles começam a tocar, as pessoas também começam a se bater e se jogar do palco. Tais posturas, aparentemente, parecem incitar a violência, entretanto, observa-se que as mesmas fazem parte de um comportamento normal dentro dos shows de bandas com esse estilo.

Música & Identidades

Como foi possível constatar a partir da revisão bibliográfica sobre o tema, uma característica fundamental do campo religioso nos últimos vinte anos é o movimento gospel. Como afirma Magali Cunha, mais do que um movimento musical, o gospel configurou-se como uma cultura, marcada ainda pelos encontros entre o tradicional e o moderno. Ainda assim, a música é um elemento fundamental para essa manifestação cultural, através da inserção de diferentes gêneros como axé, funk, hip hop, sertanejo e o rock.

Considerando então a música como um elemento de função estimulante para o desenvolvimento das faculdades humanas, nota-se também o seu caráter agregador, na medida em que a partir da produção de elementos ligados a ela, desde shows que proporcionam espaços de encontro, até camisetas para consumo pessoal, os indivíduos vão estabelecendo redes de relacionamentos. E é justamente a partir do espaço social e cultural no qual o jovem está inserido que as identidades são construídas.

Atentando-se para essa questão, observa-se que as culturas evangélicas circulam e são reapropriadas de acordo com as necessidades de cada indivíduo, e não apenas seguindo um padrão colocado pelas instituições. As práticas são reconstruídas e ressignificadas pela ação diária dos seus agentes. Segundo Stuart Hall, *um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais* (1998: p. 9).

Essa característica pode ser evidenciada com o surgimento de diversos movimentos que recusam uma expressão religiosa tradicional e fundam novas instituições que melhor se adéquam às suas necessidades. A Comunidade Gólgota é um exemplo de instituição que tem como fator principal para sua formação a questão do estilo musical. Como já

mencionado, após retornar à Igreja Presbiteriana do Brasil, Pipe começa a perceber que sua denominação não abria espaço para outros estilos e, por conta disso entre outros fatores, decide abrir uma nova igreja.

Outra questão interessante, decorrente dessa autonomia individual é o trânsito religioso, conceito criado para caracterizar um fenômeno no qual as pessoas não sentem a necessidade de serem fiéis a uma instituição específica, mas flutuam em diversos espaços à procura de respostas para seus questionamentos momentâneos.

Dentro desse cenário, observa-se que emerge uma preocupação com a juventude. No contexto tratado neste trabalho (1990 – 2010), a noção de juventude estava bastante pautada na representação ativa e interventora da geração dos anos 1960 e 1970 e, deste modo, não se deve esquecer que os jovens protestantes estão inseridos neste contexto e que também são influenciados por ele. Sob essa perspectiva, é possível compreender o papel da juventude no campo religioso como mediadora, *porque transita de um tempo para outro e porque assimila um conteúdo atribuído pelo tempo e lugar que na história pode ou não permanecer como transformador* (SOUSA, 1999: 25). Se os jovens começam a perceber e se aproximar de padrões ainda não aceitos pelo protestantismo, muitas vezes a solução é migrar para outros grupos sociais que privilegiem suas questões. Nesse sentido, o surgimento de igrejas que apostavam em formas de culto que assimilavam vários aspectos antes tidos como "seculares", é um exemplo da iniciativa de pessoas que estavam atentas a esses novos diálogos.

Nesse momento a música atua como elemento atrativo para a juventude. Assim como cada gênero musical gospel proporciona um ambiente de convivência, como festas e baladas, os shows de rock são o espaço de troca entre bandas e público. Observa-se que, na medida em que os jovens se sentem atraídos inicialmente pelo estilo musical, num segundo momento as bandas cumprem uma espécie de papel "doutrinador", pois tanto as letras quanto o próprio ritmo transmitem ideias ligadas à prática cristã.

Se o rock secular é marcado em alguns momentos[19] de sua trajetória pela indagação e inconformismo com a conjuntura social, o rock evangélico segue um pouco dessa tendência, buscando, em grande medida, levar o seu público a perceber questões sociais de forma mais ativa, incentivando ou mesmo cobrando um posicionamento a exemplo de "Naves Imperiais", "Indiferença", "Racismo" e "Aborto", ou então provocando reflexões mais pessoais, como "Quem", "Meus próprios meios" e "Underground".

[19] Referimo-nos aqui a alguns momentos para lembrar que nem sempre o rock manteve esse caráter, exemplificado por "Blues suede shoes" de Elvis Presley ou "Rock n' Roll em Copacabana" de Cauby Peixoto, que não apresentam temáticas engajadas.

Com relação ao Oficina G3, observa-se que a banda esteve ao longo de sua história dialogando constantemente com o mercado não evangélico. Nas canções trazidas para este trabalho, verifica-se que Deus aparece como um sujeito pessoal, embora seu nome não seja citado com tanta frequência. O fato dos integrantes serem reconhecidos fora do circuito evangélico pelas suas habilidades técnicas indica a importância dessa questão como primeiro atrativo para a canção, algo que já aparecia no discurso do início da carreira da banda, com o objetivo de expandir sua abrangência para além do meio cristão.

De forma geral, observa-se que a banda Desertor está bem inserida dentro de um contexto musical underground cristão, pois tanto as temáticas abordadas nas letras quanto o estilo musical são destinados a um público especifico que se identifica com esse discurso contracultural, a exemplo da canção "Underground" que demonstra bastante a intersecção entre uma cultura punk e uma postura cristã. A postura dos integrantes, principalmente dos vocalistas que já passaram pela banda, transmitindo as ideias de forma até agressiva, são elementos importantes para a manutenção do discurso punk que querem transmitir.

Além disso, é interessante levantar novamente o fato que, diferentemente do Oficina G3, a Desertor não procura atingir um público tão amplo, pois há mais uma continuidade de discurso entre um álbum e outro. Enquanto os álbuns do Oficina G3 variam tanto as temáticas quanto o estilo musical ao longo da carreira, o segundo álbum da Desertor não varia muito, mas acentua questões como o vocal que fica mais agressivo em relação ao primeiro trabalho. Algo ressaltado durante a entrevista feita com o pastor Pipe, é o fato da Desertor não estar preocupada em alcançar um público cristão.

Pensando na questão da formação de identidades juvenis e lembrando que uma das propostas iniciais da pesquisa era observar de que modo os jovens trabalhavam com a cultura rock e a cultura evangélica, possivelmente em choque, após as leituras sobre o movimento gospel observou-se que as tensões existem, tanto que as estratégias midiáticas estão sempre procurando trata-las de alguma forma, como a preocupação do Oficina G3 em não ter no nome da banda algo que lembrasse uma banda gospel. Por outro lado, também observou-se que o trabalho de assimilação do rock foi acompanhado de um discurso reforçado de que era necessário ressignificar os ritmos, pois todas as coisas seriam criação de Deus.

Com isso, verifica-se que os choques entre as culturas são apaziguados por este discurso, pois se não há dúvida não há também crise na construção da identidade. *(...) a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza* (MERCER, 1990: 43. *apud* Hall, p.9).

Como o gosto musical é algo muito difícil de ser fiscalizado a todo tempo pela instituição religiosa, principalmente entre a juventude que está mais aberta a receber novas influências, percebe-se que o protestantismo assimila outros gêneros musicais, dentre eles o rock, e legitima sua utilização, antes que os jovens saiam das igrejas. Nesse sentido, as bandas operam como transmissoras de uma ética protestante, em grande medida orientando formas de conduta, reforçando sempre a figura paterna e redentora de Deus, como visto nas canções "Quem" e "Isaias 53", por exemplo.

No caso das duas bandas, entende-se que são representativas de determinadas "tribos". Assim como o rock secular, que apresenta diversas tendências que referenciam ideias, o rock gospel segue a mesma tendência, colocando ideias cristãs em seus discursos e se mostrando bastante heterogêneo. As bandas Oficina G3 e Desertor, apesar de representarem de alguma forma o rock gospel, ao atentar-se para o contexto em que estão inseridas e o discurso que se propõe a transmitir observa-se que elas referenciam questões diferentes dentro do campo religioso.

O Oficina G3 vem do seio do neopentecostalismo, justamente no momento em que se apresentava uma preocupação geral em inovar as práticas proselitistas a fim de manter e conseguir mais fiéis. Suas posturas procuram mostrar que é possível ser cristão sem ser antiquado esteticamente, dialogando com o sucesso exercido pelo rock a partir dos anos 1980 entre a juventude. As estratégias adotadas ao longo da carreira, como o diálogo com outros estilos e a diversidade de temas abordados a fim de ampliar cada vez mais o seu público estão em grande medida de acordo com os rumos do neopentecostalismo, de expansão. É uma banda que se popularizou praticamente entre todas as igrejas evangélicas e entre o meio não evangélico por conta de suas técnicas musicais.

Por outro lado, a banda Desertor representa outra face do rock evangélico, a começar pela denominação a qual estão mais ligados, pois a Comunidade Gólgota, como já foi comentado, não está entre as igrejas pentecostais e neopentecostais, preservando uma teologia mais conservadora que se aproxima das igrejas protestantes históricas. Desta forma, não se observa em suas abordagens uma preocupação em expandir tanto seu público, mas sim de agregar indivíduos que se sentem deslocados em outras instituições religiosas por conta de seus gostos culturais.

Considerações finais

O campo religioso protestante tem apresentado mudanças principalmente nos últimos vinte anos e é importante perceber que várias questões tiveram participação para

que isto ocorresse. O protestantismo em si já vinha mudando de forma mais acentuada desde a década de 1950, principalmente devido à inserção do rádio e da televisão nas suas práticas. Com o maior desenvolvimento desses meios e a adesão cada vez maior, também cresceu a disputa por lugar. Paralelamente também se destaca a atuação dos movimentos juvenis, principalmente da década de 1960, que passaram a se colocar socialmente de forma mais ativa, o que levou os teóricos a pensarem neste grupo como uma categoria social autônoma, e não somente como uma faixa etária de transição do indivíduo. Outra questão válida a ser levantada é o próprio rock, que se desenvolveu em grande medida ao lado da juventude, mostrando diversas correntes rítmicas, e servindo não somente para expressar ideias, mas também para ajudar a cria-las.

Diante disso, observa-se que a sociedade tem se transformado constantemente e o protestantismo, como parte da mesma, acompanha o processo. Assim, não há como dizer o que é ser protestante de forma rígida, pois essa é uma questão que pode ter várias respostas, assim como estas respostas também estão mudando constantemente. Em grande medida, todos esses fatores contextuais citados acima foram influenciando e se incorporando aos discursos evangélicos, primeiro entre os indivíduos, passando posteriormente para as instituições.

As bandas Oficina G3 e Desertor, representando diferentes grupos dentro do rock evangélico, mostram a difusão cultural presente nesse cenário. Passando pelos indivíduos, principalmente jovens, o estilo musical foi sendo incorporado e ressignificado, já que o discurso vigente no final da década de 1980 era de que o rock era do diabo.

Contudo, algo percebido nas análises das canções, é que há uma grande continuidade nos núcleo dos discursos transmitidos. O Oficina G3, por exemplo, volta até mesmo à questão do porvir em “Além do que os olhos podem ver”, e a Desertor resgata o sacrifício do Messias para salvar a humanidade dos seus pecados como relatado por um profeta do Antigo Testamento, Isaías. Em grande medida, muda-se alguma coisa, para que muitas outras permaneçam. O estilo cultural, ao invés de ser execrado como era pelas instituições mais antigas, passa a fazer parte da identidade das instituições.

Rompe-se com a necessidade de manter identidades fixas a qualquer custo, e se passa a reconstruir as identidades dia-a-dia junto com os indivíduos e de acordo com as suas necessidades, angústias e gostos. Uma consequência desse processo é a permanência da juventude nas instituições, como pode ser atestado pelos dados divulgados pelo IBGE já citados na introdução, e ainda de forma mais próxima na medida em que se identificam com o caráter cultural destas.

É neste processo de aproximação entre o indivíduo jovem e a instituição religiosa que as bandas exercem um papel fundamental. Ao romperem com as barreiras culturais que existiam entre evangélicos e não evangélicos, elas conseguem uma aproximação maior com a juventude e, mais importante, conseguem transmitir os discursos em uma linguagem mais dinâmica, pois estão dialogando com um universo maior do qual esse indivíduo faz parte e se insere na esfera da vida pessoal, que compreende gostos e sentimentos.

Dessa forma, o rock não é apenas um estilo musical que se insere no cenário evangélico e transmite ideias. Ele é também um elemento fundamental que mostra ao seu receptor uma das formas de ser evangélico, constituindo um grupo que firma sua identidade a partir de traços característicos de outros roqueiros, como os cabelos compridos, as tatuagens e as roupas e que, ao mesmo tempo, vão à igreja, leem a bíblia e defendem posturas conservadoras relativas à sexualidade e ao contexto social. São identidades que já se constroem de modo híbrido, o que acaba colaborando para sua afirmação.

Referências bibliográficas

BELLOTTI, Karina Kosicki. *Delas é o reino dos céus*: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna no Brasil (anos 1950 a 2000). São Paulo: Annablume, 2010.

BÍBLIA de Estudo Genebra. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

_____. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da Religião.* Ano 8, Dezembro de 2008. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.htm

CAVALCANTE, Ronaldo. Teologia protestante (brasileira), in: FERREIRA, João Cesário Leonel (org.) *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro.* São Paulo: Paulinas, 2009.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel*: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

DOLGHIE, Jacqueline. *Por uma sociologia da produção e reprodução musical do presbiterianismo brasileiro*: a tendência gospel e sua influência no culto. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – UMESP. São Bernardo do Campo, 2007.

GROPPO, Luis Antonio. *Juventude*: ensaio sobre Sociologia e História das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DEFEL, 2000.

HALL, Stuart. *A questão da identidade cultural.* Trad. de Andréa Borghi Moreira Jacinto e Simone Miziara Frangella. Coleção Textos Didáticos-IFCH/UNICAMP, nº18, 1998, 2ª edição.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. *Heavy metal*: o universo tribal e o espaço dos sonhos. Dissertação (Mestre em Multimeios). Campinas: UNICAMP, 1994.

MACHADO, Sueli da Silva. *O lugar da música religiosa na construção psicossocial da identidade de jovens presbiterianos independentes no estado de São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - UMESP. São Bernardo do Campo, 2012.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1997.

MATTELART, Armand e Michèle. Indústria cultural, ideologia e poder. In: *História das teorias da comunicação.* Trad. de Luis Paulo Rouanet. São Paulo, Loyola: 1999.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir*: a inserção do protestantismo no Brasil. Aste, São Paulo, 1995.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. *O gospel é pop*: música e religião na cultura pós-moderna. Dissertação (Mestrado em Música) – UNESP. São Paulo, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. Para uma história cultural da música popular. *História e Música. História cultural da música popular.* Belo Horizonte, Editora Autêntica: 2002.

_____. A historiografia da música popular brasileira (1970-1990): síntese bibliográfica e desafios atuais da pesquisa histórica. *Revista ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 13: 2006, p. 142.

_____. A história depois do papel**.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas.* São Paulo: Editora Contexto, 2006a.

_____. História e música popular: um mapa de leituras e questões. *Revista de história*, n. 157: 2007.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. *"De bem com a vida"*: o sagrado num mundo em transformação. Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo, 2001.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. *Reinvenções da utopia*: a militância política dos jovens nos anos 90. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

Anexos

Letras: Oficina G3

Naves Imperiais

Somos como naves imperiais, a serviço do nosso Deus / vasos de guerra, onde só há ida e não há tempo para olhar, voltar para trás / somos jovens que creem no Deus vivo / que enviou seu filho para nos salvar / Aleluia! Aleluia! Nosso comandante é Jesus Cristo, filho de Deus.

Indiferença
Num farol, em esquinas da cidade, a infância na marginalidade / sem família, nas ruas a viver / Mãos estendidas esperando receber / Vidros fechados, gestos mudos do outro lado. / Troca de olhares, indiferença, rejeição / mais um número nesse mundo "cão" / vidros fechados, gestos mudos do outro lado. / Os vícios, o crack, constantes ilusões / de vidas banidas em meio às multidões / A lei do mais forte é o que rola pra viver / brincando com a morte sem ter nada a temer / vidros fechados, gestos mudos do outro lado. / Abra o vidro do seu coração, amor gera atitude / comece a agir, chega de falar, só com palavras não se pode mudar.

Quem
Tantas coisas pra pensar, tantas coisas pra lembrar / Algumas coisas pra sorrir, muitas outras pra chorar / Quem vai ouvir a minha voz? / Quem vai enxugar as minhas lágrimas? / Quem? / Tantas coisas pra vencer, tantas coisas pra esquecer / Não há forças pra lutar, falta coragem pra encarar.

O tempo
O vento toca o meu rosto, me lembrando que o tempo vai com ele / Levando em suas asas os meus dias nessa vida passageira / Minhas certezas, meus conceitos, minhas virtudes, meus defeitos / Nada pode detê-lo / O tempo se vai, mas algo eu sempre guardarei / O Teu amor que um dia eu encontrei / Os meus sonhos o vento não pode levar / A esperança encontrei no Teu olhar / Os meus sonhos a areia não vai enterrar / Porque a vida recebi ao Te encontrar / Nos Seus braços não importa o tempo / Só existe o momento de sonhar / E o medo que está sempre à porta / Quando estou com Você, ele não pode entrar.

Além do que os olhos podem ver
Não me culpe, eu não sou daqui / Quero encontrar meu lugar / Onde vou Te ver, onde quero estar / Vou deixar tudo o que vivi, tudo o que conquistei / Não há nada que eu queira mais / Andar nas ruas com Você / Sentar e ouvir a Tua voz / Não há mais nada a temer / Só quero ir Te ver / Voar além, voar além / Além do que os meus olhos hoje podem ver / Na certeza de poder chegar junto a Você / Num instante tento imaginar / Tudo o que vou viver / em outro lugar junto com Você / Não me culpe, já não tem valor / diante do que há pra mim / O que vejo aqui não me importa mais.

Meus próprios meios
Quantas vezes os meus próprios meios / me levaram a lugar nenhum / Cada passo dado era um erro / que me afastava do objetivo / Buscar as coisas certas da maneira errada / É o mesmo que nadar contra a maré / Lutando pela nossa própria força / Já entramos na batalha derrotados / Mas é tempo de abrir os olhos / não temos pra onde correr / E entender que sem o Pai não somos nada / É o primeiro passo rumo à vitória / Eu ando pela força do Senhor / Eu vivo pelas Suas promessas / A cada dia mato um leão /A unção de Deus está em mim.

Letras: Desertor

Aborto
Os valores humanos e suas leis / se prostituindo ao bezerro-de-ouro / O homem vivendo dentro de um jogo / onde matar se tornou algo normal / O que importa é o prazer, dinheiro e poder / A vida não é tudo o que temos? / Fetos sugados e despedaçados / Vidas ceifadas pela reputação / Crianças lutando pra sobreviverem / Crianças usadas em experiências / Crianças morrendo cauterizadas / Crianças cortadas em vários pedaços / No Brasil ocorrem 4 milhões de abortos por ano / O aborto mata mais que a segunda guerra / O aborto mata mais que a Aids e o câncer / O aborto é um crime contra a raça-humana / Não! Não! Não! Não! / Quem foi que deu ao homem o direito / de decidir por alguém que não pode falar? / Pois Cristo morreu pelos fetos também / e existir é melhor que não existir / Aborto não! Aborto não! Aborto não! Aborto não!

Isaías 53
Sem aparência, sem formosura, desprezado e rejeitado / Homem de dores e sofredor, de quem os homens escondem o rosto / Dele não fizemos caso, e sua voz não ouvimos / O Filho de Deus veio ao mundo, mas o mundo o rejeitou / Certamente Ele tomou sobre si as nossas chagas / Certamente Ele tomou sobre si as nossas dores / Nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido / Mas Ele foi transpassado pelas nossas transgressões / Andávamos desgarrados como ovelhas sem pastor / Pelo mesmo caminho que escondido está o lobo devorador / O castigo que nos traz a paz foi colocado sobre Ele / E pelas suas pisaduras nossas vidas foram saradas / Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a sua boca / Mas como Cordeiro Ele foi levado, despedaçado, ao matadouro / Como uma ovelha que fica muda perante os seus tosquiadores / foi cortado da terra dos viventes por causa de um povo transgressor.

Underground
Sobre os olhos da ignorância / A socialite te condena / Marginal, é o que dizem / Porque na moda você não está! / Afinal quem é você? / Saberia o que dizer? / Seu futuro onde está? / O que Deus é pra você? / Underground! / Ovelha negra da família / A culpa está sobre você / Existe um Deus que te ama / E sabe sim quem você é! / Deus sabe quem é você! / Muito tem pra te dizer! / Seu futuro nele está! / Seu amor é pra você!

Racismo
Quando você vê a cor de um homem / E isto te torna juiz sobre a Terra / Juiz pra julgar o que é sub-raça / E que então você pode cuspir no seu rosto / Tratá-lo como um cão, sem dono, sem raça / O chuta na cara como um vira-lata / Afinal, do que é feita sua mente tão pequena? / O sangue em suas mãos é de um ser humano! / Oi! Oi! Oi! Racista! / Não entendo / Como um ser humano odeia o seu próximo? / Apenas pela cor diferente da sua? Branco ou preto, preto ou branco / Mentes doentes, mentes fascistas / Mentes dementes, mentes racistas / Afinal, somos filhos do mesmo Deus / A diversidade divina estampada no homem.

Recebido em: 20/12/2013
Aprovado em: 03/01/2014